

# A liberdade é nossa?

## — O Problema da Liberdade —

Walter Altmann

Liberdade tem sido sempre o ideal pelo qual o homem se norteou. Desde a antigüidade, quando significava simplesmente o oposto de escravidão, até hoje, quando esta palavra anda ingênuamente na boca de todos, muito sangue tem sido derramado em seu nome. A verdade é que não há guerra ou revolução, na qual, de uma forma ou outra, sua compreensão não tenha exercido papel preponderante. Liberdade é uma das grandes palavras que têm determinado o destino da história. 1)

Chegamos até hoje e aparentemente nada conseguimos. Temos a impressão de estar ainda na estaca zero. Tôdas as controvérsias e lutas se resumem em tôrno dêste conceito. E talvez a liberdade nunca tenha sido tão duvidosa e incerta como o é hoje. Em seu nome cresce a escravidão, aberta ou ocultamente. 2)

Nem por isso iremos criticar essa busca humana. Seria tolice. A luta por concretizar os grandes ideais é parte da sociedade humana. Êsses ideais são os princípios pelos quais os homens sempre se nortearão. 3) Que entendemos por liberdade? Como a alcançamos? Estas são as perguntas que hoje se impõem.

Pelo século XVII vivia o mundo ainda sob um regime totalitário, em que a pessoa humana estava subordinada ao poder absoluto dos soberanos, que eram considerados instituídos por Deus. Mas a Renascença já havia tornado famosos ao mundo os nomes dos grandes gênios das ciências e das artes. A Reforma havia despertado a liberdade de consciência. Era o indivíduo que começava a se distinguir da massa. Estava claro que a ordem ainda vigente não mais correspondia à realidade.

Foi então que o iluminismo inglês desenvolveu as teorias que iriam levar ao liberalismo. 4) O filósofo Lock já desenvolvera sua concepção a partir do estado natural primitivo, onde todos os homens são livres e iguais. O poder do estado deriva então exclusivamente dos indivíduos e sua única razão de ser é a de evitar a guerra de todos contra todos. Surgiu daí a teoria dos direitos inalienáveis do homem, que inspiraram a declaração de independência e a constituição dos Estados Unidos, mais a Revolução Francesa e suas constituições. «A liberdade consiste, então, em poder fazer tudo que não prejudica ao outro». 5) Governos são instituídos entre os homens para assegurar êsse direito. 6)

Como vemos, o indivíduo se torna a medida para tôdas as ações e conceitos. Com o tempo, cada um procura preservar a sua

própria liberdade individual, na qual ninguém pode interferir. Com o surgimento da era industrial, acentua-se sempre mais a liberdade econômica como base de todas as demais liberdades. 7) O controle era mínimo, se não inexistente e com o tempo o mundo começou a assumir um aspecto de um «salve-se quem puder» catastrófico. 8) A livre iniciativa e a livre competição levaram aos maiores contrastes sociais e às maiores guerras internacionais que o mundo jamais conheceu.

Hoje temos supostamente assegurado em nossa Constituição o direito à liberdade de expressão, de pensamento, de consciência, de crença, de convicção religiosa, filosófica ou política, de reunião, de escolha de profissão, de trânsito e de permanência no território nacional, e de propriedade. 9) A Constituição também assevera que esta enumeração não exclui outros direitos. Aliás, a lista dessas liberdades civis se tornou parte integrante de qualquer sociedade instituída, tanto na constituição dos Estados Unidos da América como na da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

A verdade é que no Brasil ainda persiste fortemente a concepção liberal de liberdade. Ela significa defesa do interesse individual, a não interferência de quem quer que seja nos negócios privados, sejam quais forem as consequências destes. Liberdade se tornou o direito de abrir a boca quando e onde se quer. Liberdade se tornou o direito de desobedecer a lei e ao mesmo tempo o direito de não querer reformá-la. Liberdade se tornou o direito de usarmos o que possuímos da maneira como melhor nos apraz. **Liberdade se tornou sinônimo de privilégio.**

Em todo o caso, seu conceito está estabelecido numa base somente negativa. Isto significa que há um afã de se libertar de qualquer dependência. Não há finalidade para a liberdade, a não ser o interesse próprio. E neste contexto certamente nos defrontamos com um anseio do homem egoísta. 10)

Este significado de liberdade somente pôde crescer e se expandir baseado na teoria russoniana da bondade natural do homem. Mas, enquanto que para Rousseau a origem das desigualdades e dos males entre os homens foi estabelecida com o «primeiro que tendo cercado um terreno, lembrou-se de dizer isto é meu e encontrou pessoas suficientemente simples para acreditá-lo», 11) a nova sociedade imediatamente colocou a propriedade individual como pedra angular de seus direitos.

Liberdade certamente deve estar em função da coletividade, deve ser concedida a todos. E qual a liberdade de expressão de alguém que nunca teve oportunidade de visitar uma escola? Qual a liberdade de participação política de alguém que não possui nem o suficiente para a alimentação? Qual a liberdade de escolha de profissão para um menor desamparado? Qual a liberdade de imprensa de um jornal que somente pode existir não em função do leitor, mas sim dependente de seus anúncios? Em que consiste o direito à propriedade para os brasileiros que morrem de fome? Ou teremos nós coragem de revidar uma frase como esta: «quando indivíduos bem alimentados dizem aos pobres que devem colocar a alma (poderíamos também dizer

a liberdade individual) acima dos anseios da barriga, há algo nauseante e hipócrita em tôda a sua atitude?» 12)

O que queremos aqui é mostrar a relatividade dos termos que usamos freqüentemente de maneira tão absoluta. É verdade que desde logo havia um outro conceito que parece neutralizar o egoísmo já analisando: igualdade. Mas esta foi sempre interpretada como exclusivamente igualdade perante a lei, 13) não modificando portanto o que foi dito acima. Em todo caso, enquanto entendermos, como Rui Barbosa, que «a regra da igualdade não consiste senão em quinhoar desigualmente aos desiguais, na medida em que se desigualem», 14) certamente jamais poderemos esperar ver realmente assegurados e efetivos os direitos mencionados em nossa Constituição.

É lógico que tal situação deveria alguma vez provocar reação. Foi novamente um trabalho filosófico que haveria de fornecer a base de uma teoria destinada a revolucionar o mundo. Hegel, no início do século XIX afirmou que «liberdade é a percepção da necessidade», 15) Significa isto que a liberdade não consiste em uma dependência utópica e impossível das leis da natureza, mas sim no conhecimento dessas leis e na possibilidade de fazê-las funcionar metódicamente para determinados fins.

Seu discípulo, Karl Marx, adaptou esta definição à sua teoria do processo histórico. Liberdade é conhecer a necessidade da marcha da história interpretada econômico-materialisticamente, 16) Há, portanto, uma íntima relação entre liberdade e necessidade. Assim é preciso que se analise a situação real, se descubra a necessidade econômica e se saiba agir para eliminá-la, para tornar-se realmente livre. Também aqui o indivíduo é livre. Mas êle não é mais a medida. O alvo é atingir realmente a todos. «O livre desenvolvimento de cada um será a condição do livre desenvolvimento de todos.» 17) Esta frase que se encontra no Manifesto Comunista, poderia também ser dita por um liberal, mas temos de observar que no marxismo o livre desenvolvimento de cada um somente se realiza quando o indivíduo se reconhece como ser integrante de uma sociedade e organiza suas forças socialmente. 18) Não é mais uma liberdade exclusivamente **de**, mas também **para**. «O homem só é independente... se afirma sua individualidade como homem total em cada uma de suas relações com o mundo, vendo, ouvindo, sorrindo, provando, sentindo, pensando, querendo, amando — em resumo, se afirma e exprime todos os órgãos de sua individualidade.» 19) Que diremos quanto a isto? Não resta dúvida que foi aqui redescoberta a importante relação entre o indivíduo e a sociedade. No entanto, perguntaríamos: Será que não é uma simplificação muito grande, querer reduzir tôdas as contradições a uma básica: a econômica? Quem garante a infalibilidade de análise que possibilitará a libertação? É legítimo ver na necessidade a eterna condição da liberdade?

A esta altura temos de interromper para analisar o problema do ponto de vista cristão.

Em primeiro lugar, Deus é livre. Mas em que consiste sua liberdade? Certamente não no fato de êle poder realizar o que bem entenda. Certamente não no fato de sua vontade poder fazer qualquer escolha ao acaso. Deus não é indiferente. Isto seria uma definição mu-

to restrita. A verdadeira liberdade de Deus consiste em realizar livremente seu amor. «Significa positiva e especialmente estar decidido e ser movido por si mesmo. Exatamente isto é a liberdade da existência e do amor de Deus.» 20) Ela é ativa, já com a finalidade de cumprir o seu amor.

A própria criação é assim um produto do livre amor de Deus. 21) A escolha de Deus em realizar a criação certamente não limita sua liberdade, mas é um fruto da realidade desta. A livre majestade divina sobre a criação persiste.

A relação entre amor e liberdade divinas pode ser assim expressa: «O amor de Deus é livre pelo fato de ter podido escolher entre a existência e a não-existência do mundo, sem com isso se tornar menos amor. Ele é amor pelo fato de ter precisamente escolhido a existência do mundo, sem com isso se tornar menos livre.» 22)

É por isto que Deus também não abandona sua criação, mas permanece ao lado dela. O vácuo que se formou entre Deus e o homem com alienação dêste 23) é preenchido por Jesus Cristo, que é por isto a liberdade de Deus aos homens.

Em Jesus Cristo existe uma ação dupla de liberdade. Em primeiro lugar é a livre ação de graça, na qual Deus mesmo se decide, e por outro lado a livre ação de obediência, na qual o homem em Jesus Cristo se confessa ao acontecimento, pelo qual a ação de Deus é atuante. 24) O homem Jesus tem a sua liberdade concretizada justamente em conflitos e lutas com a tentação e o pecado. Em tôdas estas situações foi a obediência à vontade divina o fator preponderante. Também em relação à liberdade de Cristo podemos dizer que ela não consiste em ter podido se decidir por uma infinidade de possibilidades, mas sim por ter se decidido pela única realidade livre: a ação por graça de Deus. Justamente por escolher exclusivamente a Deus, por lhe ser inteiramente obediente, é ele plenamente livre. Qual a livre ação por graça de Deus em Jesus Cristo? Nêle Deus concede a realização já agora de sua vontade em não abandonar o homem, nêle Deus demonstra a sua livre dádiva de salvação e liberdade aos homens. É por isto que dizemos que Cristo é verdadeiro homem e verdadeiro Deus. Nêle há obediência que liberta, até à morte, e nêle há graça que se sacrifica pelos outros, por nós.

A liberdade humana é, portanto, uma dádiva em Jesus Cristo. Um presente para todos os homens, quer o saibam ou não. É um dom que nos liberta de tôdas as cadeias que nos prendem, da nossa alienação para com Deus e de nossa alienação para com o homem. É a liberdade de novamente poder estar com Deus através de Jesus Cristo. Longe de Deus ela não é possível, longe de Deus só há escravidão. Mas o livre dom de Deus que é o livre Jesus Cristo, nos restituiu o contato com êle, e assim nos restituiu a liberdade.

Na criação foi dada ao homem uma liberdade de campo de ação junto a Deus, não de escolha entre o bem e o mal. A primeira persiste, enquanto que o conhecimento de bem e mal somente veio com a desobediência a Deus, ou seja, quando a escolha já havia recaído na falta de liberdade. E é dessa condição de escravidão que Cristo nos libertou.

Esta dádiva de Cristo não se reflete somente para trás, 25) mas também para frente. Não é somente uma liberdade **de**, mas também **para**. E aqui reside a importância da fé. Fé pertence, portanto, ao próprio ato de libertação por parte de Deus, mas é também a resposta e a compreensão deste ato divino. 26) Fé é a decisão, não mais entre duas ou três possibilidades, mas sim a decisão de reconhecer e obedecer. 27) Obedecer a que? À decisão já decretada por Deus em Jesus Cristo.

Reconhece o crente, aí, que vive em relação com o próximo neste mundo. Sabe ele então que este próximo já recebeu também o mesmo dom de liberdade. É obrigado a ver nele, pois uma pessoa igual a sua. Não pode mais o cristão pensar em si mesmo, mas pensa no outro. Não deveríamos chamar a isto «reconhecimento do homem pelo homem?»

Diz Lutero em seu tratado «Da Liberdade Cristã»: Um cristão é senhor livre sobre todas as coisas e não está sujeito a ninguém. Um cristão é servidor de todas as coisas e está sujeito a todos. 28) É mais adiante, o cristão «terá sua mira posta só em servir aos demais, sem pensar em outra coisa que nas necessidades daqueles a cujo serviço deseja colocar-se. Este modo de obrar para com os demais é a verdadeira vida do cristão e a fé atuará com amor e satisfação». 29) «O cristão é livre, sim, mas deverá tornar-se de bom grado servo, a fim de ajudar a seu próximo, tratando-o e obrando com ele, como Deus tem feito com ele mesmo por meio de Cristo». 30)

Retornemos agora às perguntas que levantamos quanto ao marxismo. Como pode o homem se apropriar da união entre necessidade e liberdade? Esta união significa nada mais nada menos do que o próprio Deus, mesmo que seja subordinada à união entre amor e liberdade. 31) A alienação econômica não é a única existente, nem a básica. Há outras que se lhe equiparam. A verdade é que a alienação de todo homem para com Deus e para com o próximo se manifesta em todos os campos de atividade humana, e disto tudo nos livrou Cristo.

A última pergunta foi: quem garante a infalibilidade da análise que possibilitará a liberdade? Para respondermos a esta questão, teremos de examinar mais um aspecto da doutrina marxista. Nela existe a convicção do processo dialético da história até o estabelecimento futuro do comunismo numa sociedade sem classes. Deixará de existir a revolução para haver a evolução. Esse estágio congregará todos os homens. E somente então se poderá falar verdadeiramente em liberdade para todos. Enquanto existir o estado não será possível tal liberdade. Diz Engels, companheiro de Marx: «O Estado sendo apenas uma instituição temporária de que somos obrigados a nos servir na luta, na revolução para reprimir pela força seus adversários, é perfeitamente absurdo falar de um estado popular livre: quando o proletariado ainda necessita do Estado não é para a liberdade, mas para reprimir seus adversários. E o dia em que seja possível falar de liberdade, o Estado cessa de existir como tal.» 32) Esse Estado é «a ditadura de classe do proletariado como ponto de transição necessário para chegar à supressão das diferenças de classe em geral.» 33) O marxismo reconhece, pois, honestamente, que a liberdade completa,

geral, ainda não é hoje uma realidade, mas crê que ela será estabelecida no futuro. Poderíamos dizer: é uma esperança escatológica marxista. Em que se baseia ela? Por um lado na firme crença da exatidão do processo histórico-dialético-materialista. Perguntaríamos aqui: Não assume, assim, êsse processo proporções sobrenaturais? Por outro lado, o indivíduo não pode permanecer passivo, êle é chamado à tomada de consciência, deve participar ativa e decididamente na evolução da história até o momento em que o Estado se extinga e a liberdade seja real para todos. Por certo, se, como vimos acima, o livre desenvolvimento de cada um será a condição do livre desenvolvimento de todos, cremos que, por mais paradoxal que pareça, o marxismo também está assentado sobre as frágeis bases russonianas da bondade natural do homem.

O cristão também sabe que a glória dêste mundo não é de se comparar com a glória do mundo que está por vir. O cristão também tem uma esperança escatológica, o cristão também espera a concretização total e perfeita da liberdade para todos os homens. É o dia em que a obediência plena a Deus, com a conseqüente eliminação de todo o processo alienatório, será a única realidade, e por isso inteiramente livre.

Esta esperança não está baseada em nós, mas sim na ação de Deus, já realizada através de Jesus Cristo, por todos os homens. Por essa razão êle já é Rei de todos os homens, quer o saibam ou não. Esta esperança leva o cristão a agir em tôdas as esferas e estruturas da vida humana. «Para o cristão também, tôdas as normas do mundo em que vivemos perderam seu poder, porque pertencem ao passado, à ordem de coisas que está acabando por causa da presença e poder de Jesus Cristo entre nós. O crente pertence ao Reino de Deus, participa já da nova ordem de coisas que êle está criando entre nós, e pode portanto orientar por completo sua vida ao redor dêsse objetivo, e encontrar significação para todos os seus esforços de participação nesta grande Obra que Jesus Cristo está realizando entre os homens.»<sup>34)</sup>

Liberdade cristã não tem seu fim em si mesma, é destinada ao mundo que ainda não a conhece.<sup>35)</sup> É por isto que sua propriedade consiste no testemunho do ato de libertação por parte de Deus em Jesus Cristo. E cada instante de nossa vida é testemunho de Cristo.

«Para falar concretamente, êste testemunho consiste em duas coisas: **evangelização** ou proclamação do amor de Cristo pelo homem, através de **palavras**; e **serviço**, ou proclamação do amor de Cristo pelo homem através de atos de amor. Estas duas coisas não podem ser separadas, porque são apenas dois aspectos de uma mesma realidade. Somos chamados a amar e servir ao próximo, e, no meio dêsses atos de amor, a apontar sempre para a pessoa de Cristo, que é a única motivação dêsse serviço, e por quem o próximo é servido através dos nossos esforços. Neste contexto, a obra de evangelização não é principalmente a responsabilidade de profissionais, mas de cada crente; não é tanto atividade para uma ou duas horas do domingo, mas ação constante, principalmente no que diz respeito às pessoas que melhor conhecemos e com as quais estamos mais relacionados.

Neste contexto, servir não significa principalmente fazer obras de caridade, mas sim preocuparmo-nos pelo outro como Cristo se preocupou por nós. Isto implica numa nova relação com as pessoas com quem temos contato diário no lar, na Igreja, e no trabalho numa relação em que estamos dispostos a compartilhar a vida e as preocupações do outro, e servi-lo em cada situação concreta de necessidade. Mais ainda, no mundo de hoje, esta preocupação viva pelo próximo tem de nos levar a participar com um profundo senso de responsabilidade, das lutas políticas e dentro das organizações diversas que determinam o destino do homem moderno. Hoje, quase todos os problemas que o homem enfrenta dependem, até certo ponto, de ação política para sua solução; daí o precisarmos estar envolvidos nessas lutas, se quisermos tomar uma posição a favor do homem em nosso tempo.» 36)

O cristão sabe que a concretização final da justiça e da liberdade será implantada definitivamente por Deus no fim dos tempos. E é justamente esse conhecimento da fé que requer do cristão que impeça a absolutização de conceitos terrenos e transitórios, pois com isto sobreviveria o caos sobre a sociedade. Tal absolutização não seria mais do que uma tentativa perfeccionista de antecipar o Reino de Deus na terra, através de atos e ideologias humanas. O crente deve vigiar para que tal não aconteça no Estado, sem ao mesmo tempo impor seu conceito cristão de liberdade, pois este provém da fé e por isto não pode ser imposto ao Estado, e nem serve para qualquer programa político, por ser uma grandeza com dimensões escatológicas

Mas, se falamos tanto em agir, não é verdade que os cristãos têm tantas vèzes se escondido atrás da fé na ação salvadora de Deus em Jesus Cristo, para se esquecerem de que ainda vivem no mundo com outros homens e que por isto devem agir? Não iremos negar que tal tenha havido e lamentavelmente continue havendo. Justamente por esta razão devemos proclamar que liberdade não é somente dom, mas também missão. Cabe à Igreja, que somos nós, procurar novas formas autênticas de testemunho que venham a contagiar o mundo revolucionário em que vivemos.

Liberdade também é missão. A tarefa não é fácil. Esta nova forma de testemunho pode representar sofrimento e perseguições. Afinal de contas, em parte alguma é dito que a vida do cristão seja mais fácil e mais cômoda do que a dos outros. Ao contrário, sua esperança lhe permite suportar as adversidades. Ele está livre delas.

Nossa esperança não é vaga, com um mixto de incerteza e dúvida, mas sim certeza de quem realmente espera algo prometido e já assegurado. Justamente porque sabemos que nada depende de nós, mas sim da constante ação de Deus em Jesus Cristo, podemos livres, já aqui e agora, em qualquer situação e em tôdas as estruturas da vida humana, **viver e proclamar a liberdade.**

## NOTAS

- 1) Heinz Zahrnt, *Libertas christiana*, em: Ulrich Schmidhäuser, *Welche Freiheit Meinen Wir?* Stuttgart, 1958, pág. 94.
- 2) Schmidhäuser, op. cit., pág. 7.



- 3) Milovan Djilas, *A Nova Classe*, Rio de Janeiro, 1958, pág. 11.
- 4) Johannes Hirschberger, *Historia de la Filosofia*, II, Barcelona, 1956, pág. 117.
- 5) Constituição francesa de 3 de setembro de 1791, art. 4. Apud: Ulrich Hedinger, *Der Freiheitsbegriff in der Kirchlichen Dogmatik* Karl Barths, Zurique, 1962, pág. 241.
- 6) Declaration of Independence, 4 de julho de 1776. Em: Everett Augspurger e Richard A. McLemore, *Our Nation's Story*, 1960, pág. 827.
- 7) Paul M. Sweezy, *Socialismo*, 2a. edição, Rio de Janeiro, 1963, pág. 254.
- 8) Fulton J. Sheen, *O Problema da Liberdade*, 7a. ed., Rio de Janeiro, 1962, pág. 20.
- 9) Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil de 1946, São Paulo, 1956, art. 141.
- 10) Karl Marx, *Zur Judenfrage*, em: *Marx-Engels Werke*, I, Berlim, 1957, pág. 369.
- 11) J.-J. Rousseau, *Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens*, em: *Obras*, I, Porto Alegre, 1958, pág. 189.
- 12) Bertrand Russell, *Liberdade e Organização*, I, São Paulo, 1959, pág. 155.
- 13) Constituição francesa de 1795, art. 3.  
Apud: Marx, op. cit., pág. 365.  
Constituição brasileira, art. 141, § 1º
- 14) Rui Barbosa, *Oração aos Moços*, Rio de Janeiro, 1951, pág. 31.
- 15) Frederick Engels, *Anti-Dühring*, 3a. ed. inglesa, Moscou, 1962, pág. 157.
- 16) Hedinger, op. cit., pág. 232.
- 17) Carlos Marx e Frederico Engels, *Manifesto del Partido Comunista*, em: *Obras Escogidas*, I, Moscou, 1955, pág. 43.
- 19) Karl Marx, *Manuscritos Econômicos e Filosóficos*.  
Apud: Erich Fromm, *Conceito Marxista do Homem*, Rio de Janeiro, 1962, pág. 45.
- 20) Karl Barth, *Dogmatik*, II, 1, 4a. ed., Zurique, 1958, pág. 339.
- 21) Hedinger, op. cit., pág. 40.
- 22) Barth, op. cit., pág. 562.
- 23) Preferimos aqui a palavra alienação a pecado, baseados em considerações feitas pelo Professor André Dumas em São Paulo, a 28 de julho de 1963, na palestra: *O Homem Marxista e o Homem Cristão*.
- 24) Hedinger, op. cit., pág. 62.
- 25) Idem, pág. 82.
- 26) Idem, pág. 74.
- 27) Idem, pág. 77.
- 28) Martinho Lutero, *Da Liberdade Cristã*, São Leopoldo, 1959, pág. 11.
- 29) Idem, pág. 44.
- 30) Idem, pág. 46.
- 31) Hedinger, op. cit., pág. 232.
- 32) Engels, *Carta a A. Bebel*, 1825, em:  
Apud: André Piettre, *Marxismo*, 2a. ed., Rio de Janeiro, 1963, pág. 241.
- 33) Marx, «*A luta de classes na França*», apud Piettre, op. cit., pág. 240.
- 34) Richard Shaull, *Alternativa ao Desespêro*, São Paulo, 1962, págs. 90-91.
- 35) Hedinger, op. cit., pág. 95.
- 36) Shaull, op. cit., pág. 92-93.